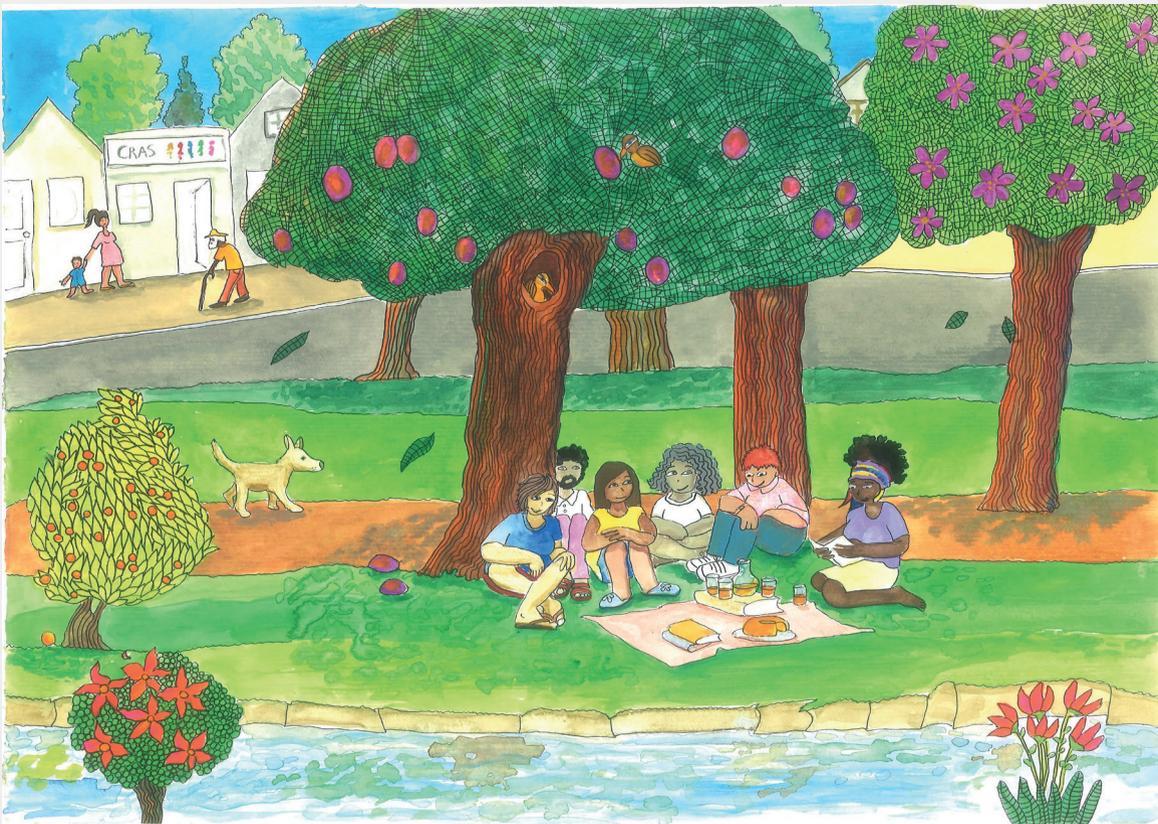


20 ANOS DA POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

O PULSAR DE MEMÓRIAS DESASSOSSEGADAS



LILIAN RODRIGUES DA CRUZ | AMANDA CAPPELLARI

KELLEN MARIA SODRÉ MACHADO | MARISA BATISTA WARPECHOWSKI

| ORGANIZADORAS |



Lilian Rodrigues da Cruz
Amanda Cappellari
Kellen Maria Sodr e Machado
Marisa Batista Warpechowski

(organizadoras)

20 anos da Política Nacional de Assistência Social: o pulsar de memórias desassossegadas



ABRAPSO EDITORA

Porto Alegre - 2024

Projeto gráfico
Arnoldo Bublitz

Design da capa e diagramação
Estúdio Semprelo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

20 anos da Política Nacional de Assistência Social
[livro eletrônico] : o pulsar de memórias
desassossegadas / (organizadoras) Lilian
Rodrigues da Cruz...[et al.]. -- 1. ed. --
Porto Alegre, RS : ABRAPSO Editora, 2024.
PDF

Vários autores.

Outras organizadoras: Amanda Cappellari, Kellen
Maria Sodré Machado, Marisa Batista Warpechowski.
Bibliografia.

ISBN 978-65-88473-32-0

1. Assistência social - Brasil 2. Centro de
Referência de Assistência Social (CRAS) 3. Política
Nacional de Assistência Nacional (PNAS) 4. Psicologia
social 5. Sistema Único de Assistência Social (SUAS)
I. Cruz, Lilian Rodrigues da. II. Cappellari,
Amanda. III. Machado, Kellen Maria Sodré.
IV. Warpechowski, Marisa Batista.

24-218667

CDD-361

Índices para catálogo sistemático:

1. Assistência social : Bem-estar social 361

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Rememorar... acolhimento institucional

Amanda Cappellari
Lilian Rodrigues da Cruz



Só o vento sabe a resposta"... Este é o título do livro (Simmel, 1976) que fazia os pensamentos voarem em indagações: será que o vento sabe a resposta? Mistério. A capa mostrava folhas de plátanos secas em movimento. Concomitantemente aos pensamentos, o vento Minuano arrastava folhas, areia, cabelos, roupas no varal e devaneios... O vento forte, frio e seco, que sopra no Rio Grande do Sul é conhecido como Minuano, que em tupi-guarani significa "Vento do Sul". Esse frio do inverno congela os ossos ou "frio de renguear cusco", como se diz por essas bandas, é mais comum depois de um período chuvoso. O vento leva a instabilidade em poucos dias, dando espaço para o sol voltar a brilhar e, com ele, a possibilidade de secar o que está encharcado e lavar o que está sujo: roupas, calçados e, quando há enchentes, as casas e calçadas. Vento Minuano que tudo arrasta, menos a esperança.

Blusões, moletons, calças de lã, camisetas, meias, polainas, mantas e abrigos disputam o espaço no pequeno varal da instituição de acolhimento. Quem está focado em logo dar cabo do gigantesco cesto com roupas para lavar nem percebe a beleza do mosaico que forma, pois só pensa que as crianças precisam de roupas limpas. O vento forte faz as roupas bailarem no varal, uma coreografia espontânea e dissonante emerge, efeito da diversidade de tamanhos e cores que anuncia também as andanças, pertencimentos, contextos e vivências de quem as usa. Se pudessem falar, quantas histórias contariam.

Mas depois de tanta chuva, as crianças também querem ir para o pátio, não se importam com o frio, então, convencem as *tias* que irão ajudá-las a lavar os carrinhos dos bebês, tarefa que essas já iniciaram, afinal, é preciso aproveitar o vento seco.

Ingredientes: carrinhos, mangueira aberta, sabão, escovinha, disposição, farra e chimarrão. Até rimou. Sim, disputa pela mangueira, cabo de guerra com mangueira, gritos de euforia, choro de quem não tem vez com a mangueira, mediação de adulto. “Sai daí que tu vai cair”. “Não pode só ficar com a mangueira, precisa escovar também”. “*Pera* aí que vou te ajudar”. “Eu brincava de mangueira na casa da minha vó”. “Duca, ela tá me molhando também”. “Logo vamos terminar com isso”. “Me dá um chima depois, Lizi”. “Não levanta a água senão vai molhar a roupa, faz assim baixinho, Tiago”.

As crianças acordam, fazem a higiene, aquelas em idade escolar e/ou com atendimentos especializados (psicoterapia, fisioterapia, consultas médicas nas mais variadas áreas) são encaminhadas, as menores brincam, ouvem música ou estórias, assistem TV, recebendo os cuidados de acordo com suas necessidades. Há um lanche no meio da manhã e na hora do almoço todas se reúnem. O turno da tarde, em geral, repete a rotina da manhã. E à noite, após o jantar, as crianças ainda brincam um pouco até fazerem a higiene para dormir. Nos finais de semana, o cardápio é diferenciado e a rotina é mais flexibilizada, organizando-se algumas atividades externas. Essa é a rotina de forma estática. Evidentemente, a “confusão” é grande: várias crianças em um mesmo espaço físico, disputando brinquedos e a atenção dos adultos, estes com variadas subjetividades e diferentes concepções de educação... crianças com os bracinhos estendidos ao alto e os pedidos de “me pega no colo, tia”.

No entanto, narrar a rotina estática não deixa ver o pulsar da vida... “— Lizi, ai, meu deus do céu, corre aqui pra cozinha! A geladeira parou de funcionar. Descongelou toda a comida! Será que vai estragar?”. Junto de Liziane, que acelera o passo, crianças correm curiosas e povoam a cozinha olhando para a água que escorre da porta da geladeira. “Luan, não pisa na água, tá sujando tudo!”. Alguém aproveita a confusão e leva um pacote de bolachas para o quarto. O cardápio do almoço mudou, pois era preciso usar a carne que estava no freezer. Ao retornar da escola, Tiago entra na cozinha com um estojo enfiado no bolso traseiro: “deixa que eu sei arrumar geladeiras, tia!”. Mas magicamente, naquele momento, a máquina de fazer frio já congelava novamente.

Na manhã seguinte, no horário do almoço, o mesmo alvoroço. A geladeira não está funcionando. Em torno da mesa, as crianças estão agitadas. “Mas, tia Pri, como o gelo se forma ali?”, “porque a comida estraga?”, “e se tiver um fantasma dentro da geladeira?” “ai, eu tenho medo de fantasmas!”. Na escola, quando Camila deve fazer um desenho livre, pinta uma grande geladeira com crianças e adultos em volta. Engraçado, mais comum seria imaginar uma fogueira no centro da ciranda.

No terceiro dia de enigma, antes da visita técnica chegar, Pri entra na cozinha para preparar o chimarrão. Da soleira da porta, silenciosa, observa a geladeira aberta e Camila, na pontinha dos pés, apertando um pequenino botão branco... A serelepe não devia saber, na primeira vez que acionou a função degelo, que estava a derreter aquele bloco maciço de frio, mas logo entendeu os efeitos: uma geladeira que não produz gelo aquece toda uma casa de acolhimento. Nunca haviam sapateado tanto por aquela cozinha,

nunca antes tinham produzido tantas teorias mágico-científicas sobre a corrente de Minuano que a geladeira sabia fazer.

Permeando a rotina diária, palpita uma série de acontecimentos que revelam a vida em uma instituição, com suas surpresas, dilemas, retrocessos, sentimento de euforia ou tristeza. São muitas imagens, registros e instantes vividos que podem fazer a diferença na vida de cada criança. Inúmeras cenas podem ser pinçadas, descortinando a convivência das crianças e seus adultos cuidadores.

Para enxergar a sutileza da vida que extrapola o cotidiano estático, o movimento precisa ser o de apertar os olhos com delicadeza, trazendo as cenas para mais perto da retina. Não se trata de romantizar com belos sorrisos realidades endurecidas e precárias, mas insistir, através de gestos serelepes e bagunceiros, que a vida pode ser mais.

No processo de rememoração, descrito por Walter Benjamin (2018), despertar está entre a vigília e o sono. É nesse relampejo que iremos pousar. Atiçar uma memória aerada, feito chocolate que derrete na boca, com espaços para sopros de vida. Rememorar para sentir uma vez mais o que foi, mas que já não é exatamente o que era. Reimaginar, colocando um bocadinho de poética e de possíveis nas lacunas da lembrança, usando a ficção como impulso de criação para estremecer o passado e, especialmente, inventar um porvir mais interessante.

Talvez o vento não saiba a resposta, nem a chuva, nem o mar... tampouco eu ou você. Troquemos o título do livro para “só o vento traz perguntas” ou “rememorações ao vento” ou “rememorar...” ou...

Referências

- Benjamin, W. (2018). *Passagens*. Belo Horizonte. UFMG.
- Simmel, Johannes Mario (1976). *Só o vento sabe a resposta*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.

Amanda Cappellari

Psicóloga, aprendiz de psicanalista, mestra e doutoranda em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI/UFRGS). Realizou pesquisas no campo do acolhimento e desligamento institucional e atuou em uma consultoria realizada em Porto Alegre sobre o enfrentamento às piores formas de trabalho infantil — tráfico de drogas e exploração sexual (FASC/IGES). Tem interesse pelas sutilezas e pequenices do viver.

E-mail: amanda.cappellari@gmail.com

Lilian Rodrigues da Cruz

Foi no acolhimento institucional, como estagiária nas Aldeias SOS, que tudo começou. Ou antes, quando escolhi lá estar. O desassossego se instaurou no Instituto Central de Menores, atualmente, FASE. Fui dispensada; o psicólogo disse que eu *não tinha perfil* para trabalhar com adolescentes “de perfil agravado”. Outro desafio foi trabalhar com meninos e meninas de rua em um abrigo municipal, por apenas 6 meses e as memórias permanecem, *eita* gurizada potente aquela que fazia *hip hop*. Ah, tudo isso antes da assistência social ser uma política. Vivência transformadora foi como gestora na SOS Casas de Acolhida, entidade não governamental que abriga crianças que foram afastadas da família por motivo de “negligência dos pais”; esse e outros motivos de acolhimento me levaram a problematizar a infância e as políticas públicas no doutorado. Depois disso, meu campo se constituiu a partir da docência, supervisão de estágios e orientação de pós-graduação. *Bah*, por algumas expressões, já sabem que sou do sul do país, Porto Alegre/RS.

E-mail: lilian.rodrigues.cruz@gmail.com